

## Herman Siles Zuazo

29.7.56

**H**ERMAN Siles Zuazo, que a 6 de agosto vai assumir a presidência da República da Bolívia, já foi seu presidente interino. Chefe civil da revolução de abril de 1952, ele assumiu o poder para entregar, dias depois, a Paz Estenssoro, que estava exilado na Argentina, e havia sido eleito presidente no ano anterior.

Foram apenas quatro ou cinco dias de governo, mas eles me parecem importantes devido ao depoimento de um adversário. Esse adversário é um homem ilustre, Alberto Ostria Gutiérrez, que foi ministro do Exterior e tem no Brasil uma grande roda de amigos: aqui foi secretário de Embaixada e depois embaixador, e em nossa Faculdade fez o curso de Direito que já seguirá na Bolívia.

Ostria Gutiérrez, professor de Direito Internacional, é autor de dois livros, «Una revolución tras los Andes» e «Una obra y un destino», este último um relato de sua brilhante e eficiente passagem pela chancelaria. Acaba de publicar um terceiro, «Un Pueblo en la Cruz», que em 14 dias vendeu 5 mil exemplares em Santiago do Chile.

O título não me agrada; mas o livro é bem composto e bem escrito, e faz a história crítica da atual revolução boliviana — a mais estranha e dramática de todas as revoluções sul-americanas. Livro de exilado, não é, naturalmente, imparcial; é contra. Mas Ostria Gutiérrez, que hoje é diretor intelectual de uma editora chilena, não é um temperamento apaixonado; adversário do MNR, ele procura, entretanto, discernir entre erros e acertos desse partido e dos que antes dominaram a Bolívia. Vou traduzir um trecho de seu livro em que se refere ao nosso ilustre visitante de hoje:

«Triunfante a revolução em La Paz, era já tradicional na história das revoluções bolivianas que o país inteiro aceitasse sem discussão o resultado. Grande parte do povo de La Paz, que, durante os três dias de incessante tiroteio, havia se mantido na expectativa, saiu à rua, aclamando os vencedores. Isso também era tradicional; devia seguir-se a etapa de saquear as casas dos derrotados; mas o chefe civil da revolução, que interinamente assumira a Presidência da República, procedendo com grande elevação moral, evitou não só que se produzissem cenas de barbárie pelas turbas incitadas à violência, como também que o país resvalasse para a anarquia. Soube ser magnânimo, sereno, organizador, nessa hora de prova e de incerteza. Condenou qualquer represália contra seus adversários. Apesar de haver ele próprio, durante uma longa luta, conhecido cadeias e perseguições, desprezou a vingança e, mudando o lema adotado pelo seu partido depois da derrota na guerra civil («Voltaremos, venceremos, vingaremos»), disse: «Voltamos, vencemos e... perdaremos». Aquêles breves dias de seu governo foram um remanso de pacificação e de esperança».

• • •

Não sabemos se depois de quatro anos áspers de poder Herman Siles Zuazo mudou muito. Ele disse outro dia a um repórter brasileiro que a democracia política é um luxo demasiado caro para um país pobre. Terá razão; mas a ditadura às vezes sai cara demais. A revolução boliviana, guiada pelos mais nobres ideais, cometeu — seus chefes reconhecem hoje — erros gravíssimos de tática, levando o governo ao ponto de ter de pedir comida, literalmente, ao governo norte-americano.

É possível que algum dia eu vá à Bolívia estudar a patética e respeitável experiência que ali se processa. Antes quero dizer uma palavra a Herman Siles Zuazo, com a confiança de um jornalista que fala a um político que foi, de verdade, um profissional e um bom profissional do jornalismo: conheci alguns exilados bolivianos em Buenos Aires e no Chile. Entre eles há gente honrada, que luta de maneira dura para sobreviver e não fala da Bolívia sem emoção. Esses não são da «Rosca»; são homens que se habituaram a lutar contra o MNR menos pelo que o Movimento é hoje que pelas suas origens dúbias, suas passadas ligações com o nazismo e o peronismo. São homens que a Bolívia precisa recuperar porque a Bolívia, como o Brasil, é pobre de homens cultos e honrados, e não pode se dar ao luxo de exportá-los e prescindir de sua crítica.

Um gesto de Herman Siles Zuazo pode ser o começo de uma grande pacificação que inaugure uma nova era para seu nobre e dramático país.